

HERMENÊUTICA DA VIDA FÁTICA DE HEIDEGGER

HERMENEUTICS OF HEIDEGGER'S PHATIC LIFE

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v11i2.53092>

André Wallas da Silva Sousa*

Universidade de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/5420805046725109>

<https://orcid.org/0000-0002-8172-3774>

andre.wallas@ifma.edu.br

* Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí (2006), Mestrado em Filosofia pela mesma instituição. Atualmente é professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA. Chefe do Departamento de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação do IFMA, Campus Coelho Neto (2019 -2023). Coordenador da Fábrica de Inovação do IFMA, Campus Coelho Neto (2020). Líder do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação, Filosofia e Humanidades do IFMA, Campus Coelho Neto).

André Wallas

Resumo

o presente artigo pretende investigar a ideia da hermenêutica fenomenológica da vida fática no pensamento do jovem Heidegger. A presente investigação gira em torno de responder: o que Heidegger entende por vida fática? Em que medida o projeto da fenomenologia hermenêutica de Heidegger se caracteriza como elemento fundamental para compreender a vida fática? A fim de alcançar o objetivo proposto, será realizado um percurso analítico descritivo das preleções dos anos 1919 a 1923, especificamente, *Ontologia* (Hermenêutica da facticidade), Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica. Com isso, Heidegger busca compreender a vida fática, ou seja, facticidade denotaria o modo de ser de nossa existência, maneira que se expressa sempre e a cada vez aí, na ocasionalidade (*Jeweiligkeit*) do mundo. Ao ocupar-se da facticidade, Heidegger a aborda em vista do horizonte intencional constituinte do campo de manifestação dos fenômenos, para, assim, possibilitar pensar as significações historicamente consolidadas do mundo por meio da fenomenologia. Neste sentido, o empenho heideggeriano para compreender a facticidade é o elemento fundamental para o desenvolvimento da sua hermenêutica fenomenológica da facticidade.

Palavras-chave: Vida fática. Hermenêutica. Fenomenologia.

Abstract

This article aims to investigate the idea of phenomenological hermeneutics of phatic life in the thought of young Heidegger. The present investigation revolves around answering: what does Heidegger mean by factual life? To what extent is Heidegger's hermeneutic phenomenology project characterized as a fundamental element to understand the factual life? In order to achieve the proposed objective, a descriptive analytical route of the lectures of the years 1919 to 1923 will be carried out, specifically, *Ontology* (Hermeneutics of facticity), Phenomenological interpretations on Aristotle: introduction to phenomenological research. With this, Heidegger seeks to understand the factual life, that is, facticity would denote the way of being of our existence, a way that is always and increasingly expressed there, in the occasional (*Jeweiligkeit*).

it) world. When dealing with facticity, Heidegger approaches it in view of the intentional horizon constituent of the field of manifestation of phenomena, to thus make it possible to think the historically consolidated meanings of the world through phenomenology. In this sense, the Heideggerian commitment to understand facticity is the fundamental element for the development of its phenomenological hermeneutics of facticity.

Keywords: Factic life. Hermeneutics. Phenomenology.

Introdução

A filosofia de Heidegger, especialmente, a circunscrita no período da década de 1920, é invariavelmente apontada como fecunda para o desenvolvimento da Filosofia do Século XX. Esta reputação se deve ao confronto da tradição, tal atitude provocou a suspensão e/ou reavaliação de conceitos filosóficos tido como aceitados pela comunidade acadêmica. A partir disso, instalou-se crise nos conceitos filosóficos solidificados em diversas tradições filosóficas.

Heidegger em suas preleções dos anos 1919/1920 se dedicou a ideia de ciência originária da vida, esta, por sua vez, resultou no problema da experiência da vida fática (as preleções de 1920/1921). A maneira que Heidegger se desenvolveu neste período conduziu-lhe ao amadurecimento das suas análises críticas sobre a tradição, em outros termos, o modo particular dele de lidar com a construção, ou melhor, com a “desconstrução da tradição” levado a cabo pela História da Filosofia.

Neste sentido, Heidegger aponta que a tradição filosófica se apoiava por um conhecimento interessado nos modelos de sujeito-objeto. Contudo, o filósofo alemão desenvolve quadro teórico de oposição a esse mol-

de que está fundamentada em retornar com a filosofia ao solo no qual ela teve a sua origem e para o qual ela jamais devia ter se deixado desviar: a vida fática. Portanto, o objetivo principal deste escrito consiste em identificar como Heidegger se desenvolve a ideia da hermenêutica fenomenológica da vida fática no pensamento do jovem Heidegger. A presente investigação gira em torno de responder: em que medida o projeto da fenomenologia hermenêutica de Heidegger é elemento fundamental para compreensão da vida fática?

A fim de alcançar o objetivo proposto, será realizado um percurso analítico descritivo: um corte sincrônico – correspondente aos anos 1919 a 1923 – do projeto filosófico de Heidegger. Isso significa que este estudo se desdobrará a partir de um recorte temporal específico da obra heideggeriana, a saber: *Fenomenologia da Vida religiosa* (1920-1921), *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles* (1921), *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles: Indicação da situação hermenêutica* (1922) e *Ontologia: Hermenêutica da facticidade* (1923).

A influência da Fenomenologia de Husserl no pensamento de Heidegger

Martin Heidegger é filósofo de referência fundamental para diversos desdobramentos da e na história da filosofia e um paradigma para a percepção de seus desafios fundamentais. A profundidade da análise crítica do seu pensamento influencia uma geração de filósofos significativos no desenvolvimento da filosofia¹. Neste contexto, deve-se destacar a compreensão de Heidegger sobre Filosofar. Para ele filosofar não sig-

¹ A radicalidade de seu pensamento influenciou toda uma geração de figuras absolutamente decisivas para a construção de nossos padrões atuais de reflexão, assim como despertou as reações mais belicosas entre seus opositores. A influência política de Hannah Arendt, a hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer e o projeto desconstrucionista de Jacques Derrida são apenas alguns exemplos de uma tal influência. (Casanova, 2015. p. 09).

nifica o acúmulo de uma série de informações pertinentes ao conjunto de doutrinas tradicionais associadas a problemas filosóficos tratados na história da filosofia e nem tratar subsequentemente essas informações a partir de um quadro teórico-lógico de verificação da consistência. Filosofar não significa o esforço por superação de todos os pressupostos herdados e, a partir de uma circunscrição aos poderes constitutivos da razão. Contudo, para Heidegger filosofar é:

[...] é um retorno contínuo e sempre renovado as determinações primordiais de um caminho de pensamentos, de outro modo, é a busca pela origem que nunca permanece isolada em um passado desprovido de sentido, mas que sempre participa ativamente das decisões do presente e do futuro (Casanova, 2015, pp. 15-16).

Neste contexto, que o jovem Heidegger se aproxima da fenomenologia de Husserl. A partir de um certo momento, a palavra fenomenologia se tornou um elemento distintivo do pensamento de Heidegger. Por que isso aconteceu? De modo genérico, Heidegger se aproxima do projeto fenomenológico husserliano por três elementos fundamentais: em primeiro lugar, a noção de intencionalidade; em segundo, a noção de redução fenomenológica; em terceiro, o lema husserliano “rumo as coisas mesmas”. Antes de adentrarmos ao pensamento de Heidegger é necessário investigar como Husserl elabora as três noções, apontada acima.

Ao examinar o conceito de intencionalidade, a sua formulação inicial pode nos dar a ideia de uma grande trivialidade e que, exatamente, por esta noção inicial, pode facilmente nos conduzir em erro. Com isso, exige-se que tenhamos uma postura de rever com atenção o conceito de intencionalidade. Por definição, intencionalidade é uma estrutura de base componente da ligação permanente entre uma figura de consciência e o fenômeno que objetivamente se lhe contrapõe. A correspondência indissociável entre consciência e o fenômeno descreve fundamentalmente a impossibilidade de atos de consciência que se façam na ausência de objetos. Da mesma maneira, este laço intencional aponta a total impossibilidade de espaços fenomenais sem a objetualidade (Husserl, 2007).

De início, ao examinarmos a ideia de intencionalidade de Husserl aparentemente não traz nenhuma contribuição significativa, pois ao compreender que a intencionalidade é um termo que descreve fundamentalmente o fato de nunca se possuir uma consciência sem objeto da consciência, o fato de toda consciência é necessariamente “consciência de” e que toda consciência traz consigo mesma o seu objeto - não importando aqui que se o objeto em apreço for ela mesma ou algo distinto de si. Contudo, Husserl está preocupado não com é a mera afirmação de que há um laço indissociável entre nossa dimensão psíquica e os objetos com os quais ela se relaciona, mas sim a especificação de que esse mesmo vínculo possui em seu cerne um caráter imanente, isto é, que os atos de consciência portam em si mesmos seus correlatos independentemente de quaisquer experiências tardias com o mundo fático. Ademais, Husserl ao investigar com a noção de intencionalidade é direcionado a gênese da relação entre a consciência e os seus objetos que não repousa sobre nenhuma relação empírica fática. Assim, a consciência não é um elemento dependente de nenhuma experiência a posteriori para alçar uma relação específica com os seus campos dos objetos. Como nos afirma Husserl na Quinta investigação lógica:

A ligação intencional, compreendida de maneira puramente descritiva como particularidade interna de certas vivências, é concebida por nós como determinação essencial dos “fenômenos psíquicos” ou como “atos”, de modo que vemos na definição de Brentano de que os fenômenos psíquicos seriam “fenômenos tais que contêm em si intencionalmente um objeto” uma definição essencial, cuja “realidade” (em sentido antigo) é naturalmente assegurada por exemplos. Em outras palavras e concebido ao mesmo tempo de maneira puramente fenomenológica: a ideação realizada junto a casos particulares exemplares – e realizada de tal modo que toda apreensão empírico-psicológica e todo posicionamento existencial permanecem sem ser iniciados e de tal modo que não se considera senão o conteúdo realmente fenomenológico dessas vivências – nos fornece a ideia de gênero puramente fenomenológica vivência intencional ou ato, assim como, então, as suas facetas puras. O fato de nem todas as vivências serem

intencionais é mostrado pelas sensações e pelos complexos de sensações (Husserl, 2007, p. 383).

Portanto, para Husserl a intencionalidade não é de fato trivial que possa ser comprovado a partir da constatação empírica de que as figuras de consciência trazem consigo os seus correlatos objetivos, ou seja, a intencionalidade opera fora da órbita que todo processo psíquico corresponde a um objeto real, afastando-se, desta maneira, de um esquema “sujeito-objeto” onde a intencionalidade é vista como a relação de dois entes subsistentes: um sujeito psíquico e um objeto físico.

Indubitavelmente, a ideia de Intencionalidade ocupou um papel central nas investigações fenomenológicas de Edmund Husserl, contudo, é interessante destacar a oposição de Husserl em relação psicologia moderna. Para ele, a psicologia moderna falha ao tentar abordar os fenômenos psíquicos por meio elementos espacial-temporal, investigando-os a partir de leis causais e os princípios responsáveis pelas suas determinações. A partir disso, segundo Husserl, ao agir tal modo a psicologia moderna não percebe que repousa uma cegueira em relação a essência dos fenômenos. Neste contexto, a relações entre a consciência e objeto parecem depender da presença fática dos objetos. Além disso, nesta condição, a consciência em sua atitude natural é ingênua conduzindo o humano à convicção de que o conhecimento é desenvolvido “a partir da relação empírica de um sujeito dado a priori e dotado de aparato psíquico ante a presença efetiva dos entes” (Kahlmeyer-Mertens, 2015, p. 258). Entretanto, em as Investigações Lógicas (1900), Husserl indica que o conhecimento dos entes está ligado a atos da consciência fenomenológica, portanto, não resultando das representações de um sujeito relacionado com objetos exteriores.

Em outras palavras, Husserl define consciência como unidade de vivências - totalidade de atos intencionais de significâncias. Além disso, toda consciência é intencional por efetivamente se direcionar para algo, de tal modo, toda consciência é consciência de um objeto intencional de uma visada, “todos os vividos que têm em comum essas propriedades eidéticas também se chamam ‘vividos intencionais’, uma vez que são

consciência de algo, eles são ditos ‘intencionalmente referidos’ a esse algo” (Husserl, 2006, p. 89).

A proposta de Husserl, portanto, é a vivência desses objetos na consciência pura, em outras palavras, a experiência transcendental só pode ser pensada a partir do aspecto intencional da consciência, quando esta, por sua vez, é destituída da sua atitude natural. Assim, surge o questionamento, como se dá a superação da atitude natural e, por conseguinte, a consciência pura entrelaçada ao fluxo de vivência visando conhecimentos válidos? Para se alcançar isso é necessário a suspensão da posição natural -redução fenomenológica. Com isso, se alcança a intencionalidade, uma vez que é suspenso “o modo de ligação imediato com os objetos no interior do mundo empírico, desvendando na própria consciência a sua ligação necessária com os objetos” (Casanova, 2015, p. 43).

Assim, a forma de ir às coisas mesmas, às intuições mais originárias, exige dirigir o olhar para as relações puras e transcendentais da consciência com os seus objetos, relações que repousam sobre os atos mesmo de consciência. Dessa maneira, o retorno às coisas mesmas indica como as coisas se apresentam à consciência purificada e como os humanos a experimentam, sentem, vivenciam. A intencionalidade de Husserl exige a suspensão do juízo natural e à medida que se satisfaz este requisito, encontra-se a unidade transcendental puro ente a consciência pura e coisa da consciência (Heidegger, 2009). Neste contexto, reside o lema de Husserl “rumo as coisas mesmas”. Este lema significa, segundo o filósofo, o esforço por abandonar “o modo como inicialmente nos encontramos absorvidos no mundo e acolhemos os objetos que se nos apresentam, a fim de alcançar por meio desse abandono os campos intencionais nos quais as coisas se mostram para a consciência tal como são em si mesma” (Casanova, 2015, p. 44).

Heidegger sem aderir aos novos rumos da fenomenologia de husserliana, ele procurar fazer uma radicalização sobre os princípios da fenomenologia. Para isso, Heidegger aponta que a primazia outorgada à consciência como região absoluta do ser é um elemento que limita a fenomenologia transcendental em suas possibilidades ontológicas. No

terceiro capítulo dos Prolegômenos para uma história do conceito de tempo, o autor explica porque a redução fenomenológica falha na tentativa de apreender o campo da consciência enquanto um ser puro, imanente e absoluto. A redução fenomenológica é um ato que separa a consciência da sua relação originária com o mundo, e a coloca como uma região *sui generis* do ser das vivências. O processo originário entre a consciência e o mundo, presente na fenomenologia husserliana, conjectura que o mundo só é definível onticamente por meio do ente dado na consciência. Logo, o mundo é um fenômeno subordinado à subjetividade de um ego puro (Villa Munoz, 2017).

Neste contexto, a redução fenomenológica mostra que é sobre o mundo dado na “atitude natural” que a consciência intenciona o sentido com o qual comparecem os entes intramundanos. Deste modo, a consciência é compreendida, em sua essência, em sua condição de estar sempre dirigida para o mundo. Portanto, a redução fenomenológica é uma operação que não tem sustento ontológico por não acessar aos fundamentos da intencionalidade da consciência e dos entes intramundanos intencionados por ela (Villa Munoz, 2017).

Hermenêutica da vida fática

É nesse contexto que a *facticidade*^{II} se torna temática da fenomenologia. Para Heidegger, facticidade é o modo de ser de nossa existência, maneira que se expressa sempre e a cada vez aí, na ocasionalidade do mundo. Deste modo, tal concepção corresponde ao “modo com o qual os entes

II O termo abstrato “facticidade” primeiro aparece em Fichte, que o usa para descrever o encontro com a face “bruta” da realidade não receptiva ao pensamento racional. O fático é o irracional *par excellence*, o sinal da insuperável irracionalidade da “matéria” dada para o pensamento. Na tradição kantiana, Fichte foi o primeiro a explorar seus vários pares polares em termos do “hiatusirrationalis”, o abismo entre o empírico e o a priori, o individual e o universal, *quid facti* e *quid juris*, intuição e conceito, em termos breves, entre facticidade e logicidade (KISIEL, 1995, p. 27).

são compreendidos como significativamente entes, e às posturas e comportamentos possíveis em um horizonte de significado” (Kahlmeyer-Mertens, 2015, pp. 243-244), em outras palavras, facticidade refere-se às coisas mesmas, tal como elas se mostram na imediaticidade da vida cotidiana. Com isso, Heidegger ao investigar a facticidade procura compreender o fluxo do vivido que escapa aos conceitos tradicionais, exigindo uma “lógica” não objetificante, por isso sua apreensão por teorias é inadequada. Para Heidegger, “trata-se de um retorno explícito ao que sempre já experimentamos, retorno que busque desenvolver a estrutura da experiência fática imediata levando em conta a sua “racionalidade” própria: o sentido direcional que guia nossa experiência comum” (Carvalho, 2020, p. 11). Neste sentido, a vida tem um direcionamento que a guia, ou seja, “a vida compreende a si mesma originariamente de maneira pré-teorética e a fenomenologia é justamente o saber desse extrato originário” (Rodríguez, 1997, p. 27).

O empenho de Heidegger ao investigar a facticidade se constitui como elemento motivador para sua hermenêutica fenomenológica da facticidade. Neste momento, Heidegger está abordando os campos objetivos intencionalmente abertos em que ocorre os modos de relação nos quais os entes não se mostram apenas como *dados previamente*, mas como à *mão para o uso*. Por exemplo, quando nós lançamos no mundo, abrimos a porta, usamos computadores, ouvimos músicas, vemos o sentido das palavras antes de as decompor em fonemas, letras e símbolos – “seguindo as indicações da lida prática que se torna possível um movimento de descrição e análise desses campos de uso, que remontam ao mundo como horizonte de manifestação possível dos entes” (Kahlmeyer-Mertens, 2015, p. 244). Por fim, somos junto aos entes com que interagimos a todo momento. Portanto, o que se manifesta cotidianamente a todo momento, que Heidegger designa ao usar o termo facticidade. Vejamos:

O tema da investigação hermenêutica é o ser-aí próprio em cada ocasião. O ser da vida fática mostra-se no que é no como do ser da possibilidade de ser de si mesmo. A possibilidade mais própria de si mesmo que o ser-aí (faticidade) é, e justamente sem que esta esteja “aí”, será denominada existência. Através do questio-

namento hermenêutico, tendo em vista que ele seja o verdadeiro ser da própria existência, a faticidade situa-se na posição prévia, a partir da qual e em vista da qual será interpretada. Os conceitos que tenham origem nesta explicação serão denominados existenciais (Heidegger, 2013, p. 22).

Nesta esteira, por hermenêutica da facticidade deve se entender como o processo que investiga o modo como vivemos e pensamos junto aos entes, já sempre orientados pelo sentido que o caráter de fato dos mesmos nos fornece. Assim, a *hermenêutica da facticidade* vem evidenciar que o *ser-aí* já nasceu e se criou segundo interpretações vigentes e por ele irrefletidamente assumidas, melhor dizendo, o *ser-aí*, a vida fática^{III}, reside em sua existência. Assim, o *ser-aí* compreende a si e a tudo segundo através dos modos de ser que lhe são possíveis e apenas isto. Como nos afirma Casanova:

ser-aí, em outras palavras, um termo que surge originariamente da impossibilidade de fixar o homem em uma figura específica, de interpelar discursivamente essa figura com vistas às suas determinações essenciais e sintetizar essas determinações em suma definição que contenha em si o que esse ente propriamente é, alijando por princípio todas as suas determinações acidentais (Casanova, 2015, p. 90).

Portanto, o *ser-aí* sempre se concretiza enquanto “poder-ser” que ele é através das possibilidades fáticas que lhe são abertas no mundo.

Heidegger ao compreender a facticidade como designação do nosso próprio *ser-aí*, ele busca evidenciar que o “*ser-aí* nunca seria dado primariamente como objeto da intuição, mas estaria aí para ele mesmo no como de seu ser mais próprio” (Figal, 2007, p. 21). Portanto, o ser

III Segundo Heidegger, “‘vida fática’: a expressão ‘vida’ é uma categoria fenomenológica fundamental, significa um fenômeno fundamental. Se a expressão pode ser qualificada indicativamente, com direito comprovado, como um fenômeno um fundamental, então com isso se dá a possibilidade de destacar direções de sentido, e, num fundamental, isso pode ser feito de uma maneira toda própria” (2011, pp. 91-92).

deve ser entendido como “ser a vida fática” (Heidegger, 2013). Neste sentido, a vida é fática à medida que se é vivida; o ser possui um caráter realização. A vida fática, enquanto o âmbito onde a vida se manifesta originariamente, se define por ser o que ela é, em cada momento e, em sua referencialidade com o mundo circundante. Para investigar a vida deve-se analisar a forma em que ela se dá em cada instante, isto é, no modo em que os entes do mundo circundante, aos quais a vida está sempre dirigida, se dão facticamente. Neste sentido, “o que é vivido não desfila diante de mim como um objeto ou uma coisa que eu coloco aí, senão que eu mesmo me a-proprio dele, [...] as vivências são fenômenos de a-propriação, porque vivem do que lhe é próprio e porque a vida só vive assim” (Heidegger, 2005, p. 91).

Para Heidegger, o elemento característico da experiência fática da vida é o modo em que se posiciona diante das coisas, o modo *do específico de experienciar*, não está incluído na experiência. Assim, *na vivência* que se evidencia que “há algo”, e, este, por sua vez, não se dá primariamente um “eu” psíquico *que capta o ente, contudo, a apreensão do ente só é possível na vivência, ou seja, o ente se desvela em determinado sentido a partir da vivência. A partir desta perspectiva, se evidencia a pergunta fundamental: se algo que se dá, então, como este algo se dá? Para responder tal questionamento é necessário entender que as experiências da vida fática “revelam o sentido primário com o qual os entes se dão a conhecer, mas não o modo como o sentido dos entes já está pré-dado [Vorgegebenheit] e pré-compreendido [Vorverstehen] nas experiências fáticas da vida”* (Villa Munoz, 2017, p. 38).

Em *Ontologia, hermenêutica da facticidade*, Heidegger ao investigar o ser do Dasein, percebe tal temática está sujeita à questão metodológica de como se pode acessar aos fundamentos das experiências da vida fática. Em outras palavras, uma vez que o Dasein é o ente que nós mesmos somos em cada momento, em que medida seria possível de realizar uma hermenêutica como autointerpretação da vida fática do Dasein? Portanto, Heidegger nos aponta que a pergunta pelo sentido do ser nos conduz para a pergunta pelas estruturas ontológicas que constituem o Dasein como ente que está acessível a compreensão do ser enquanto tal, e, por esta razão, que ele é o ente que necessariamente se deve interrogar e esforçar para responder à a pergunta pelo ser.

É importante assinalar que a crítica heideggeriana no tocante as investigações sobre o sentido do *ser*, tendo a facticidade diante de si, não se pode desconsiderar as posições, os esquemas conceituais e os sentidos prévios das interpretações legadas acerca do *ser*. Neste sentido, Heidegger nos convida por meio do seu projeto da hermenêutica da facticidade re-pensar e estabelecer um quadro teórico para recolocar o problema do *ser*^{IV}. Neste cenário, em *Ontologia, hermenêutica da facticidade*, Heidegger integra a hermenêutica à fenomenologia como um método ontológico. Assim, a fenomenologia é o estudo que evidencia como fenômeno é nas experiências da vida fáctica, ou seja, aponta as estruturas que permitem que os fenômenos se deixem ver. Já hermenêutica, para Heidegger, não deve ser definida como uma técnica interpretativa que define a compreensão do que é interpretado, mas, na verdade, como método que permite tornar acessível os elementos delimitantes do *ser do Dasein* na facticidade. Neste sentido, a Hermenêutica

[...] tem como tarefa tornar acessível o ser-aí próprio em cada ocasião em seu caráter ontológico do ser-aí mesmo, de comunicá-lo, tem como tarefa aclarar essa alienação de si mesmo de que o ser-aí é atingido. Na hermenêutica configura-se ao ser-aí como uma possibilidade de vir a compreender-se e de ser essa compreensão (Heidegger, 2013, p. 61).

Com isso, para Heidegger, o *Dasein* é o ente jogado no mundo fático que é que lhe permite compreender-se em sua existência fáctica. Ele – *Dasein* – é necessariamente ser-no-mundo porque precisa se adequar ao espaço circundante e no mundo ele encontra sua morada. Portanto, a hermenêutica busca mostrar as estruturas ontológicas que possibilitam ao *Dasein* interpretar a si mesmo e o mundo circundante.

IV Deve-se destacar que o interesse de Heidegger pelo problema do *ser* é marcada desde 1907. O próprio autor reconhece que esta se faz presente desde suas primeiras e “desajeitadas tentativas para penetrar na filosofia” (Heidegger, 2009).

Considerações finais

Desde do início até o ponto máximo do percurso de estudo filosófico de Heidegger é marcado por um problema central, a saber, a pergunta pelo sentido do ser. Isso, no jovem Heidegger, o conduz a repensar a fenomenologia husserliana. Para ele, a fenomenologia é compreendida como ontologia e metodologicamente como hermenêutica. E ao investigar os fundamentos da vida fáctica foi possível enxergar a relação ontológica entre o mundo e o sentido do ser e, conseqüentemente, isto apareceu como um problema fundamental da fenomenologia.

A partir disso, destaca-se a relevância dos conceitos fundamentais da fenomenologia husserliana e bem como, Heidegger se apropriou deles ou, mais especificamente, como tais conceitos contribuíram na elaboração da fenomenologia hermenêutica. E que o projeto da fenomenologia hermenêutica para Heidegger é uma tentativa de abordar a questão da vida e sua relação com o mundo, e posteriormente, a pergunta pelo sentido do ser por meio de uma análise das estruturas ontológicas do *Dasein*.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Aurélio Augusto Costa. *O projeto de uma hermenêutica da facticidade nos primeiros anos de Freiburg de Martin Heidegger (1919-1923)*. 2020. Monografia (Graduação em Ciências Humanas, Letras e Artes) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.
- CASANOVA, Marco Antônio. *Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- FIGAL, Günter. *Oposicionalidade: o elemento hermenêutico e a filosofia*. Tradução: Marco Antonio Casanova. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. Meu Caminho para a Fenomenologia. In: HEIDEGGER, Martin. *Sobre a Questão do Pensamento*. Tradução: Ernildo Stein. Petrópolis: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Barcelona: Herder, 2005.
- HEIDEGGER, Martin. *Ontologia: Hermenêutica da facticidade*. Tradução: Renato Kirchner. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles: introdução à pesquisa fenomenológica*. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Tradução: Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandi, Renato Kirchner. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma Fenomenologia Pura e para uma Filosofia Fenomenológica*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.
- HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas: Investigações para a Fenomenologia e a Teoria do Conhecimento*. Vol. II. Tradução: Pedro M. S. Alves; Carlos Aurélio Morujão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.
- KAHLMAYER-MERTENS, R. S. Hermenêutica da facticidade: Contraprojeto à fenomenologia transcendental? In: FERRER, Diogo; UTTEICH, Luciano (Org.). *A filosofia transcendental e a sua crítica: Idealismo, fenomenologia, hermenêutica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015, pp. 235-258.

KISIEL, Theodore. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Berkeley: University of California Press, 1995.

RODRÍGUEZ, Ramón. *La transformación hermenéutica de la fenomenología: una interpretación de la obra temprana de Heidegger*. Madrid: Editorial Tecnos, 1997.

VILLA MUNOZ, Maximiliano. *A caminho de ser e tempo: a virada hermenéutica da fenomenologia*. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

Recebido em 14 de março de 2024

Aprovado em 23 de maio de 2024

Publicado em 30 de agosto de 2024